

A NOÇÃO DE DISCURSO: ORLANDI E BENVENISTE

José Roberto Pinto (UGB)

robertobrj@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho buscou verificar a incidência do termo discurso em artigos produzidos por Eni Orlandi e Émile Benveniste. O propósito dessa verificação é tão somente por acreditar que o termo discurso, não é homogêneo, e não nos parece ingênuo pensar que dentro de distintos construtos teóricos possa haver múltiplas considerações conceituais transdisciplinar. Por isso, acreditamos que todo discurso é um testemunho das especificidades culturais de um país, e pode revelar as especificidades do que cada autor pesquisado enuncia ao discursar nos textos inventariados por nós neste trabalho. Para realizá-lo, verificou-se o termo discurso dentro de textos específicos de Orlandi e Benveniste. A partir do que foi inventariado, percebeu-se que o objeto de nossa verificação, partilhado pelos autores, no que diz respeito ao discurso como elemento a significar, e ao mesmo tempo ser afetado pela língua no uso de caracteres linguísticos; intermediados por processos linguísticos, ideológicos e históricos. Assim, diante de tudo o que foi articulado nesta pesquisa, pode-se dizer que o discurso em algum momento figura como verdadeiro fundamento do estudo da linguagem, entrelaçando-se nos construtos teóricos dos autores pesquisados, a revelar-se importante organizador das propostas desses construtos.

Palavras-chave: Discurso. Linguagem. Orlandi. Benveniste.

Inegavelmente, a ciência, tornou-se algo imprescindível, quando pensamos ser difícil imaginá-la fora de nossas vidas. Entretanto, conhecê-la só foi possível a partir do advento da escrita.

A escrita que nos possibilita redigir este artigo e torná-lo conhecido por muitos.

É justamente no texto, ambiente em que a escrita se materializa, e não menos a fala, é que vamos encontrar elementos motivo deste trabalho. Dentre esses elementos, podemos destacar o conceito de discurso, proposto por Eni Orlandi⁴⁷, como sendo o que faz a mediação entre o homem e a realidade natural e social.

Também vamos encontrar na teoria da enunciação, de Émile Ben-

⁴⁷ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (São Paulo) é uma pesquisadora (1A do CNPq) e professora universitária brasileira. Foi a introdutora, no final dos anos 70, da análise do discurso no Brasil.

veniste⁴⁸, o conceito de enunciação, como sendo o que supõe a conversão individual da língua em discurso.

Ao analisar alguns trabalhos desses autores, com um propósito bem definido, buscamos verificar a incidência do termo discurso, considerando-o como sendo o que corresponde a uma *unidade de significação constitutiva para a inteligibilidade do que se enuncia*. (CAMARA JUNIOR, 2009, p. 289)

Tal verificação se abrevia em artigos produzidos por Eni Orlandi e Émile Benveniste.

O propósito da verificação é tão somente por acreditar que o termo discurso, não é homogêneo, e não nos parece ingênuo pensar que dentro de distintos construtos teóricos possa haver múltiplas considerações conceituais transdisciplinar.

Com essa finalidade, pode-se pensar que todo discurso é um testemunho das especificidades culturais de um país, então ele pode revelar as especificidades do que cada autor enuncia no contexto discursivo que lhes é próprio.

Assim, vamos encontrar em: “O aparelho formal da enunciação, de Benveniste, e o artigo: “O Discurso”, capítulo I do livro *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*, de Eni P. Orlandi”, os termos “discurso”, objetos de nossa verificação.

A escolha de tal verificação não se deu por acaso, uma vez que o termo *discurso*, não é homogêneo, não nos parece ingênuo pensar que dentro de distintos construtos teóricos possa haver múltiplas considerações conceituais transdisciplinar.

Diante disso, pode-se pensar que o aspecto terminológico do objeto verificado possa elencar possibilidades de intercessão entre as disciplinas concorrentes, o que nos inclina a esta verificação subsidiados pelo aporte teórico da teoria da enunciação de Émile Benveniste e da teoria do discurso oriunda da concepção francesa de discurso.

Convém esclarecer, que a abordagem por nós aventada nesta pesquisa, refere-se à qualitativa, nos moldes de (DESLAURIERS, 1991), e

⁴⁸ Émile Benveniste (*1902, Cairo - 1976) foi um linguista estruturalista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-europeias e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure.

se molda no caráter interpretativo, sendo a coleta e análise dos dados proveniente do próprio contexto do objeto em estudo.

Nesse contexto interpretativo, esclarecemos que a metodologia a ser praticada, considerando metodologia como o conjunto de regras para realizar uma pesquisa, restringe-se tão somente em destacar nos textos inventariados o termo discurso, e verificar as possíveis interpretações contextuais que cada autor concebe, ao enunciar o termo discurso dentro do próprio discurso.

Convenientemente, antes de falarmos da incidência do termo “discurso”, inseridos nos textos de nossos autores, vamos conhecê-los um pouco:

Nascido originalmente como Ezra, na Síria, em 1902, e naturalizado Émile, em 1924 na França; Émile Benveniste assegura sua tese, no universo dos linguistas, após publicar o primeiro volume de *Problemas de Linguística Geral*, em 1966.

Nessa época, pensava-se a linguagem abstraindo-se do sujeito. É nesse ambiente que a abordagem enunciativa vai despertar o interesse de notáveis: Jacques Lacan, por exemplo, convida Benveniste a contribuir com a revista *La Psychanalyse*, e em 1970, ao publicar na revista de linguística *Langages*, um artigo sobre enunciação ganha notoriedade com sua última publicação em 1974, *Problemas de Linguística Geral II*.

Em 1976, deixa-nos o linguista da enunciação. – sua abordagem diferenciada, o fez responsável por introduzir uma abordagem enunciativa, em que o conceito língua/fala ganha outras proporções.

Dentro dessa dimensão conceitual, é possível pensar que nosso protagonista destaca-se por deixar transparecer em sua obra, três perspectivas distintas. A primeira é pensar que ele atualiza o pensamento de Ferdinand de Saussure, o que nos permite dizer que o sistema de pensamento benvenistiano configura-se numa epistemologia, ou ainda, que produziu uma epistemologia. (FLORES *et al.*, 2009)

No bojo dessa epistemologia vamos encontrar a enunciação.

Podemos dizer inicialmente que, para se compreender o conceito de enunciação, a origem do conceito é sempre um caminho a ser percorrido. No caso, Ferdinand Saussure.

É nele que podemos perceber que a língua/linguagem humana, tem o aspecto social e individual. O aspecto social pode-se pensar como

sendo o conhecimento internalizado que temos da língua. Esse conhecimento que é social e partilhado por todos os falantes de uma língua, é o que nos possibilita o mutuo entendimento.

A esse conhecimento internalizado, Saussure vai chamar de língua. E a realização individual da língua ele vai chamar de fala.

Dito isso, podemos verificar então, o objeto da questão inicial. Para respondê-la, efetivamente, podemos voltar a Benveniste e saber que a questão que o perturbava era a que deu início a sua teoria da enunciação.

Como é que se passa da língua para a fala? Essa era a questão.

Benveniste vai concluir que se passa da língua para a fala por um ato individual de dizer.

A esse ato individual de dizer que a enunciação é a apropriação da língua por um ato individual, podemos nos perguntar: por que um ato individual? Porque só enuncia quem já se apropriou do conhecimento de determinada língua. Só se realiza um ato de fala da língua inglesa, por exemplo, aquele que detém o conhecimento dessa língua.

A enunciação consiste em colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. O discurso é produzido cada vez que se fala. Esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. (BENVENISTE, *PGL* II, 1970, p. 82).

Percebe-se que o objeto evidenciado por Benveniste se delimita ao entendermos que:

[...] as especificidades da enunciação e os elementos que a caracterizam, bem como o esboço do quadro formal da enunciação, não nos parece que o objeto seja o enunciado ou o texto do enunciado, mas, logicamente, a enunciação. Dessa forma, o linguista separa o ato do produto do ato. Voltando-se ao ato de enunciar, Benveniste o entende como um fato do locutor que, ao mobilizar a língua, estabelece com ela relações que determinam os caracteres linguísticos da enunciação. Portanto, o produto desse ato reterá as marcas de tal relação, de modo que devemos considerar a enunciação como esse “fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam essa relação.” (BENVENISTE, 1970b/2006, p. 82 *apud* KNACH, 2012).

As postulações disponibilizadas até aqui, permite-nos uma visão teórica, ainda que muito reduzida e humilde, entender um pouco do Sr. Benveniste, e sua teoria da enunciação.

O conhecimento a seguir, somado ao que já disponibilizamos, poderá sustentar o entendimento do que nos dispomos a verificar, ou seja, como o termo discurso se entrelaça nos textos de Orlandi e Benveniste, e em que momento esse termo passa a ser definidor das propostas apresentadas pelos autores em seus textos?

Para dar continuidade, vamos falar um pouco de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, que é uma pesquisadora (1A do CNPq) e professora universitária brasileira. Foi introdutora, no final dos anos 70, da análise do discurso no Brasil.

De indiscutível notoriedade no mundo da análise de discurso, a professora detém um prêmio Jabuti em Ciências Humanas, com o livro *As Formas do Silêncio*, e não menos importante são suas mais de 35 publicações dedicadas especialmente a entender a linguagem humana.

Em seu livro *análise de discurso: princípios e procedimentos*, a autora vai explicitar o seu propósito em discutir questões sobre a linguagem, que é a análise de discurso.

Vai problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem.

Vamos perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos.

A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar ou “nos colocar em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem”. (ORLANDI, 2007, p. 09)

Dessa relação menos ingênua com a linguagem, a pesquisadora vai se filiar ao filósofo francês Michel Pêcheux, uma de suas mais fortes referências, assumindo do filósofo, a tese de que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Esse sujeito é um sujeito linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia.

Com a compreensão, não ficamos nos produtos, mas conhecemos os processos de produção, a historicidade em sua materialidade contraditória, concreta, que atingimos analisando a materialidade discursiva. (Eni Orlandi em entrevista à Tatiana Fávero, 2012 – TV Universidade).

Em relação a essa materialidade, Orlandi vai pronunciar-se dizendo que ao questionar os linguistas que trabalham com o significante, restringindo a língua nela mesma, deve-se considerar que a língua como o que tem certa autonomia, não sendo fechada, há nela, a língua, uma abertura do simbólico.

Assim, quando a autora estabelece esse entendimento, ela preconiza que a primeira coisa a ser observada é que a análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas a forma como é praticada, produzindo sentidos, dentro da sociedade e da história.

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.

Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, deve-se relacionar a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2007, p. 16)

Configurado o ambiente de Orlandi e Benveniste, podemos a partir dessas considerações preliminares, adentrar ao universo textual dos autores, de forma a verificar a significância do termo discurso, inicialmente, em Benveniste, e na sequência, em Orlandi.

Segue abaixo os excertos do texto “O Aparelho Formal da Enunciação”, último artigo produzido por Émile Benveniste em 1974. Esse texto é parte da obra *Problema de Linguística Geral II*, e junto com sua primeira produção, de mesmo título, traduz a teoria da enunciação.

(1) O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam esta relação (<i>PLG II</i> , p. 82)	(2) O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância (<i>PLG II</i> , p. 83).
(3) O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão	(4) Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apro-

<p>possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (<i>PLG II</i>, p. 83-84)</p>	<p>priação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de correferir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um colocutor. A referência é parte integrante da enunciação (<i>PLG II</i>, p. 84)</p>
<p>(5) O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (<i>PLG II</i>, p. 84).</p>	<p>(6) O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo (<i>PLG II</i>, p. 85)</p>
<p>(7) O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais (<i>PLG II</i>, p. 85-86)</p>	<p>(8) Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (<i>PLG II</i>, p. 87).</p>
<p>(9) Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui (<i>PLG II</i>, p. 90)</p>	

Após verificar a incidência dos termos discurso nos excertos acima, percebemos que esse termo manifesta-se de forma diferenciada, compondo, o que podemos chamar de grupos contíguos, porém, distinguindo-se por propostas diferenciadas quanto á terminologia eivada de flutuação conceitual dentro do contexto expresso por cada termo, o que pode nos conduzir, inadvertidamente, a não aceitação da proposta terminológica apresentada pela teoria benvenistiana.

O sentido de discurso em “O Aparelho Formal da Enunciação”, de algum modo, nos suscita pensar sob um ponto de vista epistemológico da teoria, que a flutuação deve-se a constatação de processos homonímicos, sinonímicos, e polissêmico que a proposta terminológica pode apresentar, mais do que um problema, uma questão definidora de outras possíveis propostas investigativas que a teoria nos conduz.

Por esse alvitre, destacamos estudos pertinentes a essa questão, em Flores & Endruweit, quando esses autores se dispõem a dividir a in-

cidência do termo discurso, no texto de Benveniste, criando três grupos assim definidos:

- Grupo A: discurso como manifestação da enunciação
- Grupo B: discurso como instância da enunciação
- Grupo C: discurso como formas complexas

No grupo A, os autores vão concluir que Benveniste estabelece uma distinção entre o ato e o produto. Nesse caso, percebe-se que discurso é sinônimo de enunciação. O ato parece ser a fala, e o produto o discurso.

No grupo B, temos na expressão instância de discurso, a pedra de roseta da subjetividade; o homem inserido na língua, e sobre ela atuando a partir do domínio que da língua ele possa ter.

No grupo C, as formas complexas do discurso, enunciada com valores interpretativos muito amplos, de certo modo nos remete à Benveniste em outro texto de sua obra *Problema de Linguística Geral II*, na qual ele diz:

É necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias: na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica; na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação (BENVENISTE, *PLG II*, p. 67)

Parece-nos pertinente, porém cauteloso, supor que o autor, já em 1969, quando produziu o texto acima mencionado, preconizava uma semântica e uma sintaxe da enunciação. Ao dizer que é necessário ultrapassar a noção saussuriana, vai enunciar o aparelho formal da enunciação.

Gostaríamos, contudo, de introduzir aqui uma distinção em um funcionamento que tem sido considerado somente sob o ângulo da nomenclatura morfológica e gramatical. As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar. (BENVENISTE, 1970, p. 81)

Em Eni Orlandi, “O Discurso”, artigo constante do capítulo I do livro *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*; temos no termo discurso, a sua singularidade.

Na compreensão da autora, analisar um texto é buscar a compreensão dos processos discursivos, dentro de um complexo de significações, em que o analista se dispõe a depreender do sujeito, inserido no contexto da organização textual, o momento em que se dá a subjetivação no ambiente de produção textual.

Adentrar o universo de produção do artigo, “O Discurso”, é perceber que a autora inicialmente procura mostrar sua concepção de linguagem. Pronuncia-se declarando que o estudo da linguagem abarca muitas maneiras possíveis de estudá-la.

Mostra que a língua enquanto um sistema de signos é o objeto da linguística, e como sistema de regras que normatiza o falar e o escrever são o objeto da gramática normativa.

Dentro dessas concepções, pode-se entender que a palavra gramática é vista como algo cercado de significados vários, passível de muitas interpretações, assim como a palavra língua.

Nesse caso, a língua ganha destaque dentro dos estudos da linguagem, por haver muitas maneiras de estudá-la, quando se considera as diferentes épocas, distintas tendências, e a diversidade de autores com abordagens subjetivas.

Esse entendimento nos permite dizer que o estudo da linguagem ganha interpretação própria no discurso enunciativo de Orlandi, dentro de sua análise de discurso. Fato que traduz visão singular do termo discurso, e em algum momento pode dissipar-se em significados distintos e próprios a guisa da autora.

Cabe ainda mencionar, que:

A análise de discurso como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ou enunciando?). (ORLANDI, 2007, p. 15)

A seguir, fragmentos de textos com incidência do termo discurso, com a finalidade de discutirmos possíveis significados desse termo dentro do que enuncia a teoria da análise de discurso, especificamente, o texto: “O Discurso”.

1) [...] O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estu-

2) A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o

<p>do do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p. 15).</p>	<p>homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2007, p. 15).</p>
<p>3) [...] não se trabalha, como na linguística, com a língua fechada nela mesma mas com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. (ORLANDI, 2007, p. 16).</p>	<p>4) Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso – ideologia.</p>
<p>5) [...] Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2007, p. 17).</p>	<p>6) [...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos. (ORLANDI, 2007, p. 17).</p>
<p>7) Embora a análise de discurso, que toma o discurso como seu objeto próprio, tenha seu início nos anos 60 do século XX [...] (ORLANDI, 2007, p. 19).</p>	<p>8) [...] conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material (não abstrata como a da linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica. (ORLANDI, 2007, p. 19).</p>
<p>9) [...] a análise de discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – psicanálise, linguística, marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção - a de discurso – que não se reduz ao objeto da linguística, nem se deixa absorver pela teoria marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a psicanálise [...] (ORLANDI, 2007, p. 20).</p>	<p>10) A análise de discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.</p>
<p>11) A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. [...] ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso [...] (ORLANDI, 2007, p. 20).</p>	<p>12) A linguagem serve para comunicar e não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores. (ORLANDI, 2007, p. 21).</p>
<p>13) Também não se deve confundir discurso com fala na continuidade da dicotomia (língua/fala) [...] (ORLANDI, 2007, p. 21). 14) O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala,</p>	<p>15) A análise de discurso faz outro recorte teórico relacionando língua e discurso. Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma sem falhas ou equívocos. (ORLANDI, 2007, p. 22)</p>

apenas sua ocorrência casual, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2007, p. 22).

16) A língua é assim condição de possibilidade do discurso. No entanto a fronteira entre língua e discurso é posta sistematicamente em cada prática discursiva, pois a sistematicidades acima referidas, não existe, como diz M. Pêcheux (1975), sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica. A relação é de recobrimento, não havendo portanto uma separação estável entre eles. (ORLANDI, 2007, p. 22).

Diante do que acabamos de observar, o termo discurso figura como elemento constituidor de significados bem próprios e pertinentes à teoria de Orlandi, diferenciando-se da noção de fala, quando a esta se deseja opô-la.

Ademais, é conveniente perceber outros significados do termo discurso, antes de dar procedência a nossa verificação.

– em sentido lato, é o termo que melhor corresponde em português PAROLE, estabelecido por Saussure. É a atividade linguística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo (CAMARA, 1959, p. 20 e ss). É portanto, a língua atualizada num momento dado, por um dado indivíduo, quer como FALA (discurso oral), quer como ESCRITA (discurso escrito). – em sentido estrito, o discurso é a reprodução que se faz de um enunciado atribuído a outra pessoa (NASCENTES, 1946, p. 37). Pode ser: discurso direto; discurso indireto. (CAMARA JUNIOR, 1997: p. 120-121) (grifos nossos)

Nessa visão clássica, podemos pensar as questões do narrador ao dar voz às personagens, ocupando-se em repetir o enunciado nos termos exatos em que foi feito, nesse caso: discurso direto. Também, quando o narrador transmite o conteúdo do enunciado com palavras suas, configura-se o discurso indireto.

Quando falamos em discurso direto e indireto, nos vem à mente construções textuais, e sempre que falamos em texto, dentre muitos notáveis, pensamos em Marcuschi (2009), relacionando texto, discurso e gênero.

Mas no momento o que nos interessa é perceber a abordagem dele ao item discurso.

Para Marcuschi (2009), discurso pode ser considerado como o objeto do dizer, nos moldes de Coutinho (2004) e Adam (1999). Ainda em Coutinho (*apud* MARCUSCHI, 2009, p. 81), uma das tendências atuais é a de não distinguir da forma rígida entre texto e discurso, pois se trata de

frisar mais as relações entre ambos e considerá-los como aspectos complementares da atividade enunciativa. Decorre disso o discurso objeto do dizer e o texto objeto de figura.

No entendimento acima, o texto é visto como objeto abstrato e o discurso como realidade singular de interação-enunciação objeto de análises discursivas. (Cf. ADAM, 1999, p. 40)

A partir do que enunciamos – o termo discurso passa a ter diferentes perspectivas de significação dentro do contexto dos excertos acima relacionados. Dentre eles, pode-se perceber nos itens 01; 02; 08, e 12, um forte apelo à condição do termo discurso está relacionado com a produção de significado.

Podemos também destacar, que a relação com o aspecto ideológico é muito forte nos itens 03; 04; 05, e 06. Já nos itens 09 e 10, percebe-se que o termo em questão incorpora a condição de ser um objeto provido de multidisciplinaridade.

Não menos importante é destacar dos itens 13 e 14 o que confirma, no início do artigo pesquisado, ser o discurso diferente da fala.

Nos demais itens, podemos cogitar significados bem distintos aos contextos em que estão inseridos. O discurso figura como elemento dicotômico à língua, subordinado a uma liberdade em atos e a condicionantes linguísticos, históricos, contraposto a uma língua nem sempre hermética e sem falhas.

Também, podemos entendê-lo como dependente da língua, mas não subordinado ao formalismo dela. Em algum momento, não há entre ambos, uma separação estável e perceptível aos incautos manipuladores do discurso.

Não há o que concluir, a não ser fomentar.

Embora nosso trabalho tenha partido de textos aparentemente distintos, os autores têm procedência filosófica na escola francesa dos estudos da linguagem. Fato que se somou para idealizarmos esta tarefa, justamente mediada pelas teorias do discurso e da enunciação.

Ao dispor as teorias para verificação, desejamos também, não fomentar um certo maniqueísmo, e nem mesmo fazer de nosso trabalho uma exegese, mas tão somente dispor questões que sejam passíveis de se fomentar.

É com esse pensamento, e com base na análise de discurso, que procuramos perceber como um objeto simbólico produz sentido, nesse caso, nosso objeto é o termo discurso, transformando a superfície linguística, o enunciado, em um objeto discursivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.